



## **A contribuição da obra “O rio comanda a vida” nos processos de comunicação envolvendo comunidades amazônicas<sup>1</sup>**

Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM

### **RESUMO**

A difusão do discurso pela exploração sustentável dos recursos naturais do planeta de apresenta-se como um desafio para governos e organizações não governamentais (ONGs). O êxito nessa empreitada mundial depende da adoção de estratégias de comunicação que levem em consideração fatores socioculturais inerentes aos diferentes públicos alvo do “discurso da sustentabilidade”. O presente artigo discute a contribuição da obra “O rio comanda a vida”, de Leandro Tocantins, para compreensão de alguns fatores socioculturais que devem ser levados em conta pelos comunicadores na construções de mensagens destinadas a comunidades amazônicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Amazônia; sustentabilidade; Leandro Tocantins; e comunidades.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM e doutorando na mesma área, email: allan\_soljenítsin@yahoo.com.br



## TEXTO DO TRABALHO

O receptor-decodificador é o mais importante elemento de um processo básico de comunicação, que compreende ainda a fonte (ou codificador), o código (língua, imagens etc), o canal (condutor das mensagens) e os ruídos (elementos diversos que podem prejudicar o entendimento da mensagem). Afinal, não teria sentido uma mensagem ser formulada e transmitida se não houvesse um destinatário em condições de entendê-la e reagir ao seu conteúdo. Logo, os esforços comunicacionais devem levar em consideração o nível de conhecimento dos receptores, sua cultura, sua disposição social no grupo em que estão inseridos e suas habilidades comunicadoras se quiserem ser efetivos em seus objetivos:

Quando a fonte escolhe um código para a mensagem, deve escolher um que seja conhecido do receptor. Quando a fonte seleciona o conteúdo, a fim de refletir seu objeto, seleciona um conteúdo que tenha significação para o receptor. Quanto trata a mensagem de alguma forma, parte desse tratamento é determinado pela sua análise das habilidades de comunicação (decodificação) do receptor, de suas atitudes, conhecimentos e posição no contexto sociocultural. A única justificação para a existência da fonte, para a ocorrência da comunicação, é o receptor, o alvo ao qual tudo é destinado (BERLO, 1997, p.59)

Dessa premissa, emerge o desafio comunicacional enfrentado pelos governos e organizações não governamentais (Ong's) em todo o mundo em relação à difusão do discurso da necessidade de se adotar um sistema sustentável de exploração dos recursos naturais do planeta. A propagação desse “discurso da sustentabilidade” acontece tanto em direção a um público situado nos grandes centros urbanos quanto no sentido das comunidades tradicionais residentes em áreas de relevante interesse econômico e ecológico, como a Amazônia. A partir de 1992, com a realização da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ECO-92), no Brasil, quando foi cunhado o conceito de desenvolvimento sustentável, as mensagens ecológicas ganharam força na mídia mundial e dando início a diversas frentes de defesa do meio-ambiente, notadamente com o surgimento de inúmeras Ong's dedicadas as mais variadas causas ecológicas. No entanto, não é preciso dar muitas remadas nos rios amazônicos para constatar que as estratégias comunicacionais elaboradas para atingir os receptores através dos veículos de comunicação de massa (TV's, Rádios, Internet e outros) chegaram de forma deficitária nos chamados “beiradões”, onde residem pessoas com



baixa escolaridade e que tiram o sustento da caça, da pesca, dos roçados e da atividade madeireira.

O caboclo da Amazônia pouco sabe hoje sobre esse “tal desenvolvimento sustentável”, e o que sabe está relacionado, na maioria das vezes, com as diversas restrições contidas na legislação ambiental sobre o uso dos recursos naturais, pois produzem impactos diretos no seu modo de vida. Este quadro de desinformação poder ser creditado também a falhas nas estratégias (gestão) de comunicação dirigidas e este público em particular. Reside neste ponto a gênese do caráter multidisciplinar da dissertação de mestrado que apresentei ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, cujo título é “Gestão da Comunicação e Sustentabilidade: um estudo de caso sobre a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá”. O objetivo desse paper é evidenciar (de forma sucinta aqui, mas aprofunda na dissertação) como a obra “O rio comanda a vida”, do escritor paraense Leandro Tocantins, pode contribuir para a compreensão de alguns elementos do contexto social em que estão inseridas as comunidades tradicionais amazônidas, mais especificamente as residentes na RDS Mamirauá, que devem ser considerados para o estabelecimento de um processo de comunicação efetivo em relação à difusão do discurso do desenvolvimento sustentável.

Antes de começar a elencar alguns elementos que julgo importante para a compreensão do contexto social das comunidades tradicionais da RDS Mamirauá, convém, para facilitar o entendimento do texto, fornecer mais dados a respeito do projeto pesquisa supracitado.

Para fazer frente à tarefa de tentar conciliar a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade das comunidades tradicionais da Amazônia, o poder público tem implementado diversos esforços. Um destes esforços é a criação de unidades de conservação de uso sustentável, como as Reservas Extrativistas (Resex), no âmbito federal, e as Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), no âmbito estadual, previstas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), criado em 18 de julho de 2000. Essas duas modalidades de reservas são áreas naturais protegidas que abrigam populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais. O objeto de estudo da dissertação de mestrado que apresentei ao PPGSCA é o modelo de desenvolvimento sustentado adotado pelas RDS, mas especificamente a de Mamirauá, localizada na confluência dos rios Solimões, Japurá e Auati-Paraná (a 450 Km de Manaus) e com uma área de 1.124.000 ha. A



escolha deve-se ao fato da RDS de Mamirauá, criada pelo decreto estadual nº 12.836 de 9 de março de 1990, ter sido a primeira do gênero no país e já possuir uma trajetória de dezoito anos de existência se tomarmos como marco de sua implantação a solicitação encaminhada pelo biólogo José Márcio Ayres ao Governo do Estado do Amazonas, em 1985, para a criação de uma área de proteção para o primata Uacari branco (*Cacajao calvus calvus*).

Também figura como fator importante na escolha da RDS de Mamirauá como objeto da pesquisa, a sua proposta de preservação da natureza, que contempla a permanência dos moradores na reserva e a melhoria das suas condições de vida. Mamirauá aposta na presença e na participação das populações residentes, usuárias dos recursos naturais, e no investimento, a partir de pesquisas, na produção de conhecimentos relacionados a práticas de manejo como formas de obter sucesso em sua sustentabilidade. Para tal, tornou-se vital o estabelecimento de um processo de comunicação entre o gestor da RDS, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), e as diversas comunidades existentes dentro da reserva, cujo objetivo foi internalizar nos moradores o discurso do desenvolvimento sustentável, ou seja, a necessidade delas manejarem os recursos naturais de forma a garantir tanto o seu sustento quanto a preservação do ecossistema da reserva.

O objetivo da pesquisa foi analisar o processo de comunicação estabelecido entre os gestores da RDS e os moradores da comunidade de São Raimundo do Jarauá, situada na RDS Mamirauá. Na medida em que a RDS de Mamirauá apresenta-se para o público externo como modelo promissor no campo das unidades de conservação de uso sustentável, cabe averiguar como a comunicação contribuiu para a criação, desenvolvimento e manutenção da reserva. O estudo da gestão da comunicação em Mamirauá (estratégias, métodos e instrumentos), que enfrenta obstáculos como as grandes distâncias entre o centro emissor das mensagens e a comunidade alvo da pesquisa, o baixo nível de informação dos moradores, estágios de organização social das comunidades, fatores culturais etc, pode apontar caminhos a serem aproveitados em outras unidades de conservação de uso sustentável ou até mesmo indicar pontos a serem corrigidos no sentido de corroborar para o melhor funcionamento da RDS Mamirauá.

Uma vez entendida a proposta da pesquisa, passo agora a trazer a tona alguns fatores importantes que devem ser considerados na elaboração de uma estratégia de comunicação visando atingir as comunidades tradicionais. Considerando que nenhuma fonte se comunica como livre agente, sem se influenciada por sua posição no sistema



sociocultural, o mesmo acontecendo em relação ao receptor, o emissor de uma mensagem dirigida aos moradores de uma comunidade da Amazônia precisa conhecer basicamente o contexto social dos indivíduos que pretende atingir com seu discurso. Entre as informações básicas que julgo serem necessárias para tornar o processo de comunicação efetivo estão as características naturais e sociais singulares daquela região. Dentro deste contexto, destaca-se como fonte das informações supracitadas a consulta a obras como “O rio comanda a vida”, do escritor paraense Leandro Tocantins, pois oferece subsídios sobre a paisagem amazônica da várzea, o modo de vida, os costumes e as características do homem amazônico.

A obra, como o próprio título revela, trata da importância do regime das águas dos rios amazônicos sobre o modo de vida dos povos da floresta. O pensamento de Tocantins torna-se primordial para a pesquisa, na medida em que a comunidade de São Raimundo do Jarauá, assim como a maioria das comunidades existentes na RDS Mamirauá, localiza-se em um ecossistema denominado de várzea amazônica. Nestas áreas, as florestas ficam inundadas de seis a oito meses por ano, com uma variação do nível das águas entre 12 e 15 metros. Logo, tanto as populações humanas quanto a fauna e a flora precisam adaptar-se ao regime das águas para poder sobreviver. As cheias e as secas, por exemplo, influenciam preponderantemente as principais atividades econômicas, como a pesca, a agricultura e a extração de madeira. Dentro deste contexto, fica claro a contribuição da obra de Leandro Tocantins para um melhor entendimento das características naturais específicas da região e do contexto sociocultural em que estão inseridos os moradores da comunidade.

Leandro Tocantins sintetiza o domínio das águas sobre os modos de vida na Amazônia em sua obra quando afirma:

O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico, determinante das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos, amados, odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem ele o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezaram a paisagem, fazem girar a civilização - comandam a vida no anfiteatro amazônico. (2001, p.278)



O conhecimento de relatos como este feito por Leandro Tocantins, aumentam as chances do discurso ser entendido, pois

[...] os sistemas social e cultural determinam em parte as escolhas de palavras que as pessoas usam, os objetivos que têm para se comunicar, os canais que usam para esta ou aquela espécie de mensagem etc. Um norte-americano não se comunica da mesma forma em que o faz um indonésio. Japoneses e alemães podem codificar mensagens iguais para exprimir objetivos amplamente diversos, como podem codificar mensagens totalmente diferentes para exprimir os mesmos objetivos (BERLO, 1997, p.57).

“O rio comanda a vida” também oferece elementos para o entendimento do sistema sociocultural da Amazônia, que começa pela compreensão da singularidade da região no contexto nacional, principalmente porque está em andamento um “processo de transformação profunda no planeta, no Brasil e na Amazônia” (BECKER, 1994b), o qual traz a hipótese de uma transformação dos conceitos de nação e região ainda não definida e imprevisível. No entanto, nos ateremos aqui aos conceitos já postos sobre nação e região. O termo “nação pertence a um período particular, historicamente recente, principalmente os séculos XIX e XX, e se constitui como entidade social apenas quando relacionada à formação do Estado Nacional Moderno” (D’INÁCIO & SILVEIRA, 1994, p. 103), enquanto o conceito de região, que são sociedades locais variadas que constituem a dimensão territorializada do Estado-Nação, é bem mais antigo, mas só foi definido com a formação do Estado Territorial Moderno. Portanto, estes dois elementos (nação e região) são resultado de uma divisão criada pelos detentores do poder e pela prática social (decisões tecnocráticas e processos coletivos).

Aplicando estes conceitos ao caso concreto da pesquisa, encontramos o Brasil, um Estado-Nação de dimensões continentais localizado no hemisfério sul do continente americano, e a Amazônia, uma região rica em recursos naturais considerada crítica tanto no contexto geopolítico mundial quanto na estrutura transicional do Estado brasileiro:

A Amazônia se tornou símbolo do desafio ecológico, envolvendo ao mesmo tempo a consciência, a utopia e a ideologia ecológica. Isto a valoriza como capital-natureza, por ser o maior banco genético do planeta, o lugar de maior biodiversidade do mundo e, portanto, fonte primordial para a ciência e tecnologia, ou seja, para a biotecnologia. Trata-se, assim, de uma valorização do ponto de vista geopolítico externo. Ao mesmo tempo nossos atores e movimentos sociais afetam



e fragmentam a região, no âmbito da geopolítica interna ”  
(D’INÁCIO & SILVEIRA, 1994, p. 108).

A ação dos atores e movimentos sociais que afetam e fragmentam a região amazônica, citados acima por D’Inácio e Silveira, remetem a um ponto importante para a melhor compreensão o sistema sociocultural da Amazônia: a sua ocupação e a conseqüente formação social de seus habitantes. Na verdade, como observa Tocantins (2001), a planície amazônica já era ocupada por milhares de indígenas que se espalhavam por toda a sua extensão muito antes dos primeiros espanhóis e portugueses navegarem o rio Amazonas no século XVI durante o período das grandes navegações e da expansão dos dois impérios ibéricos. Com a chegada dos colonizadores, que trouxeram consigo os negros escravos trazidos do continente africano para explorar a madeira e as chamadas drogas do sertão, deu-se início a ocupação conflituosa da região, que resultou, além da mestiçagem destas três raças (branco, negro e o índio), no desaparecimento de inúmeros povos indígenas e na “civilização” de boa parte dos sobreviventes.

Outra forte corrente migratória para região ocorreu no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, quando milhares de nordestinos vieram para a Amazônia atraídos pelo apogeu da economia da borracha. Tocantins narra em sua obra o chamado “Mundo que a borracha criou”. Em 1839 o americano Charles Goodyear inventou o processo de vulcanização da borracha, viabilizando sua utilização em escala industrial. Anos depois, com as invenções da bicicleta e do automóvel, milhares de indústrias de transformação, que se instalaram na Europa e nos Estados Unidos, criaram uma grande demanda de mercado para os produtos pneumáticos. Esse quadro fez da região amazônica a principal exportadora mundial de borracha *in natura*, atingindo a marca de 1.395 toneladas em 1851, desencadeando a necessidade cada vez maior de mão-de-obra para extrair o látex das seringueiras. Foi neste contexto que, segundo o historiador Caio Prado Júnior (*apud* Figueiredo, 2002, p.79), aproximadamente 500 mil pessoas deixaram seus Estados em busca do “dinheiro fácil” da borracha, dos quais 350 mil eram nordestinos.

A economia gomífera gerou um surto de desenvolvimento na região que, todavia, durou pouco. Em 1876, segundo Tocantins, um inglês chamado Henry Wilckham deu início à derrocada da borracha cometendo o ato de biopirataria mais nocivo à região que se tem registro. Wilckham coletou sessenta mil sementes de seringueiras e levou-as clandestinamente para o jardim de Kew, na Inglaterra. Sete mil sementes brotaram nos



viveiros ingleses e foram transplantadas para o Ceilão, possessão inglesa na Ásia conhecida hoje como Sri Lanca, onde as seringueiras foram adaptadas para uma cultura em larga escala. Dez anos depois (1906), tempo necessário para as árvores começarem a produzir, a Ásia tirou o monopólio da borracha da Amazônia, jogando a região em uma grande crise. Em pouco tempo, apesar das várias tentativas governamentais de evitar o colapso da economia gomífera, o mercado foi dominado pelos ingleses. As conseqüências foram o alargamento da miséria, devida a falência das firmas locais e a fuga das estrangeiras para países asiáticos, gerando uma massa de desempregados nas cidades e o fechamento dos seringais no interior (grande parte nordestinos).

Os nordestinos voltaram a migrar em grande quantidade para a região durante a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, quando o eixo (formado pela Alemanha, Japão e Itália) interrompeu as rotas marítimas da borracha vinda da Ásia. A necessidade de obter a matéria prima para fabricar os pneus para seus veículos de guerra, levou os Estados Unidos firmar um acordo com o governo brasileiro para reabrir os seringais abandonados da Amazônia. A extração do látex ficou a cargo de cerca de 53<sup>3</sup> mil nordestinos, denominados “soldados da borracha”, que se embrenharam na selva úmida com a promessa de serem recompensados financeiramente pelo governo e de receberem o mesmo reconhecimento dado aos combatentes (pracinhas) que lutaram no *front* de batalha. A rendição dos alemães em 1945 legou novamente o esquecimento aos seringais e aos soldados da borracha, que recebem até hoje apenas dois salários mínimos de aposentadoria, sem direito a 13<sup>o</sup> salário, e nunca receberam o status de veteranos de guerra.

Todo este “mundo que a borracha criou”, e que foi destruído logo em seguida, refletiu nas comunidades de várzea de Mamirauá. A maioria dos assentamentos humanos existentes hoje em dia, incluindo São Raimundo do Jarauá, foram criados em volta dos barracões montados pelos chamados patrões da borracha. Após o fim da decadência da economia gomífera, os patrões voltaram para centros urbanos como Manaus, Tefé e Alvarães, deixando para trás comunidades inteiras que passaram a viver do extrativismo. Tocantins relata de forma clara em sua obra estas formas de extrativismo adotadas pelo homem do interior para sobreviver, como, por exemplo, a pesca do pirarucu e a produção de castanha.

---

<sup>3</sup> FIGUEIREDO, Aguinaldo Nascimento. História Geral do Amazonas. 2<sup>a</sup> Edição, Manaus, 2002.





Muitos outros fatores influenciaram a formação do atual sistema sociocultural da Amazônia e, conseqüentemente, de suas comunidades tradicionais, porém, seria necessário um trabalho à parte apenas para elencá-los todos e analisar seus impactos. Cito apenas estes com o objetivo de melhor ilustrar o que os “conflitos” que ocorrem na Amazônia, retratados na obra de Leandro Tocantins, decorrem das contradições intrínsecas à inserção do Brasil no sistema capitalista mundial e à reorganização acelerada da sociedade brasileira. Cabe assim reiterar o conteúdo exótico com o qual são revestidos seus problemas, tratados como mitos, mas que não pertencem só a ela e sim a toda sociedade nacional” (BECKER, 1994a, p.7). Dessa forma, fica claro que “as regiões não são entidades autônomas. Pelo contrário, se constituem a partir de diferenças que apresentam em relação a outras e do papel diferenciado que exercem no conjunto da sociedade e do espaço nacional. É nesse contexto que se pode entender a Amazônia, rompendo com alguns mitos que a envolvem” (*ib idem*).

De posse de informações a respeito da formação do sistema sociocultural da região, é possível tentar entender um pouco sobre o homem da região, cujo perfil foi grandemente influenciado pelos fatores citados anteriormente referentes à ocupação da região. Tocantins analisa que muitos caboclos amazônicos descendem dos “tapuios”, índios que deixaram a vida tribal e se estabeleceram ao longo dos rios, lagos, igarapés, paranás e pequenos sítios. Reis (1997), reforça o argumento de Tocantins ao descrever o homem da região amazônica:

Plantam a mandioca, com que preparam farinhas, bananeiras, pimenteiras e pouco mais. Manifestam aptidão invulgar para os ofícios mecânicos. Artesãos magníficos, trabalham a matéria prima local com uma técnica admirável. Vagarosos, aparentando displicência, permitem a impressão de indiferentes, abstratos, preguiçosos, quando na realidade o que lhes dá pinta exata é a desambição... Dóceis, meio ausentes, falam com brandura e escassamente. Quando se aborrecem, ou se sentem vítimas de exploração ou desprezo, preferem retirar-se, aos gestos de exaltação. Só muito raramente, por isso, se exasperam. Então toda aquela capa de docilidade desaparece violentamente (REIS, 1997, p.232).

Retomando o objetivo desse paper, evidenciar a importância da obra “O rio comanda a vida” para compreensão de alguns elementos do contexto social em que estão inseridas as comunidades tradicionais amazônicas no estabelecimento de um processo de comunicação efetivo em relação à difusão do discurso do desenvolvimento sustentável, acredito ter demonstrado ser possível captar informações valiosas a respeito



da região, sua formação cultural, conflitos e, finalmente, o homem que nela habita (extremamente necessárias ao comunicador) na obra de Leandro Tocantins. Portanto, uma análise de “O rio comanda a vida” pode contribuir para elaboração de um discurso visando conquistar “os corações e as mentes” das comunidades tradicionais no sentido delas se tornarem agentes de um modelo sustentável de desenvolvimento, já que tal tarefa passa, obrigatoriamente, pelo conhecimento de quais conteúdos poderão ou não ser assimilados levando-se em consideração uma gama de fatores socioculturais que o comunicador precisa ter conhecimento. “Se (o receptor) não conhece o código, não entenderá a mensagem. Se nada sabe sobre o conteúdo da mensagem, provavelmente não poderá entendê-la. Se não compreender a natureza do processo de comunicação em si, são grandes as perspectivas de que entenda mal as mensagens, tire conclusões incorretas sobre os objetivos ou intenções da fonte” (BERLO, 1997, p.58).

## REFERÊNCIAS

- BERLO, Devid Kenneth. **O processo de comunicação: introdução à teoria e à prática**. 8ª Edição. São Paulo, 1997.
- BECKER, Berta (1994a). **Amazônia**. São Paulo, Editora Ática, pp. 1-112.
- \_\_\_\_\_. (1996b) **Estado, nação e região no final do século XX**. In: *Amazônia e a crise da modernização*/ Maria Ângela D’Inácio e Isolda Maciel Silveira. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 103-109.
- COSTA, Soraya Rodrigues. **Entre o rural e o urbano: recepção de telenovela em Serra da Saudade – MG**. In: Revista *Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom. 1999.
- FIGUEIREDO, Aguinaldo Nascimento. **História Geral do Amazonas**. 2ª ed. Manaus, 2002.
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- JAUSS, Hans Robert. **“La Ifigenia de Goethe y la de Racine”**. In: WARNING, Rainer (org). *Estética de la receotión*. Colección La Balsa de le Medeive, 31. Tradução: Ricardo Sanchez Ortiz. Madri: Visor, 1989.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (1979) **O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX**. In: **Encontros com a civilização brasileira**. Volume 11. Rio de Janeiro, pp. 101-140.
- OLIVEN, Ruben George (2000). **Nação e Região na identidade brasileira**. In: *Região e nação na América Latina*/ George de Cerqueira de Leite Zarur (organizador). Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, pp 65-80.



OROZCO-GÓMEZ, G. **Recepción televisiva: três aproximaciones y una razón para su estudio.** Méjico, D.F.: Universidad Iberoamericana, mar. 1991. (Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales, 2).

REIS, Arthur César Ferreira (1997). **O Seringal e o seringueiro.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas: Governo do Estado do Amazonas, pp. 1-297.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida:** uma interpretação da Amazônia. 9<sup>a</sup> edição. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.